

ARACAJU PARQUE SHOPPING: CULTURA E RELIGIÃO EM ESPAÇO EMPRESARIAL

Sâmia Carolina Lima Scaranto¹

Rooseman de Oliveira Silva²

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo visa a discussão sobre a implantação de um *shopping center* no bairro Industrial, localizado na zona norte do município de Aracaju-SE. Um dos pontos que chamou atenção foi o fato do bairro, de grande representatividade histórica e caráter popular, abrigar um *shopping*. O local vem passando por muitas transformações que ameaçam a sua história. A primeira transformação sentida com a chegada do *Aracaju Parque Shopping* foi a demolição da fábrica Sergipe Industrial, para ceder espaço ao novo empreendimento. O prédio da fábrica era um dos elementos arquitetônicos que carregava a identidade do bairro. Com isso, o foco de análise do texto investiga a intenção dos idealizadores em lançar o *shopping* com o intuito de garantir a salvaguarda dos valores religiosos e culturais do bairro. O ponto de maior relevância a ser considerado envolve a preservação da capela São João Batista, anexa ao *shopping*, tratada pelo discurso publicitário como um importante sustentáculo religioso-cultural. A partir daí o estudo se desdobra em desvendar como um espaço do tipo *shopping center*, que até então é concebido para instigar o consumo, volta-se para questões de natureza cultural e preservacionista.

PALAVRAS-CHAVE

Shopping center. Religião. Cultura. Consumo. Bairro Industrial.

ABSTRACT

This article aims to discuss the implementation of a shopping mall in the Industrial neighborhood, located in the northern area of the city of Aracaju-SE. One of the points that caught attention was the fact of the neighborhood, of great historical representation and popular character, house a shopping mall. The place has undergone several transformations that threaten its history. The first transformation experienced with the arrival of Aracaju Parque Shopping was the demolition of the Sergipe Industrial factory, to give space to the new enterprise. The building of the factory was one of the architectural elements that carried the identity of the neighborhood. The analysis's focus of the text investigate the intention of the businessmen in throw of the shopping center with the ensure the protecting of religious and cultural values of the neighborhood. The most important point to consider is the preservation of the São João Batista Chapel, attached to the mall, treating by advertise discourse as the main religious-cultural support. From there, the study unfolds to unveil how the site like a shopping mall, which until then is designed to instigate consumption, turns to questions of a cultural and preservationist nature.

KEYWORDS

Shopping Center. Religion. Culture. Consumption. Industrial. Neighborhood.

1 INTRODUÇÃO

O bairro Industrial é resultado de uma realidade iniciada em tempos pretéritos ao surgimento de Aracaju, quando criou um panorama que representava a fuga da ordem e disciplina do quadrado de Pirro. Hoje, o referido bairro passa por muitas transformações que ameaçam a sua história.

Uma das últimas transformações ocorridas no bairro envolve a implantação do *Aracaju Parque Shopping*, um empreendimento erguido no local da antiga fábrica Sergipe Industrial. O aspecto peculiar desta implantação envolve a preservação da capela São João Batista, um elemento que carrega o símbolo da tradição religiosa do bairro. Quando concebida, somando-se ao complexo da fábrica Sergipe Industrial, a capela equilibrava a introdução do moderno na cultura sergipana, a medida em que impedia o rompimento total com o passado, trazendo a religião para o interior da fábrica.

Investigar o que a preservação da capela representa dentro da realidade de um *shopping center* é o que se propõe este trabalho. Para isto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, para melhor compreensão do panorama do passado do bairro e pesquisa em campo, com visitas ao local da implantação do *shopping*. Nestas visitas, observou-se a morfologia do empreendimento, associada as edificações preexistentes. Entrevistou-se os moradores do bairro com perguntas abertas, de forma a extrair e identificar as expectativas da população diante da chegada do *shopping*.

Entrevistas com historiadores sergipanos foram feitas com o intuito de auferir, de forma mais ampla, o entendimento do processo de formação do bairro, sua importância para a história de Aracaju e no que pode vir a impactar o estabelecimento de um centro de consumo, que impôs a demolição da fábrica Sergipe Industrial, um dos marcos arquitetônicos do processo de modernização de Aracaju.

Ademais, à elaboração deste artigo, somou-se a importância de trazer para a discussão um lugar dotado de identidade e repertório histórico. Tal característica lhe concede espaço na memória coletiva da população, mas que pela falta de diálogo com os representantes políticos, sua realidade se apresenta descontínua. O que ainda preserva a linguagem do passado, pouco a pouco vem se descaracterizando e cedendo espaço para a renovação urbana.

2 HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO BAIRRO INDUSTRIAL

O bairro Industrial situa-se na zona norte de Aracaju, possui uma área de aproximadamente 17.097 Km² e uma população de quase 18 mil habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010). No que se refere a sua limitação geográfica, Araújo (1971 apud GRAÇA, 2005, p. 41) assegura que o bairro se limita a leste com o Rio Sergipe, a oeste com o bairro Santo Antônio, ao norte com o bairro Porto Dantas e ao sul com o Centro.

De acordo com Barreto (2002), nos primeiros anos da capital, o bairro Industrial era conhecido como Maçaranduba, em alusão a sua paisagem natural. O processo inicial de ocupação urbana do bairro se dava, sobretudo, por colônias de pescadores, atraídos pelo rio, que por suas características de estuário, permitiram a atividade de pesca. As habitações eram caracterizadas por sua rusticidade, estruturas simples e coberturas de palha (GRAÇA, 2005).

A partir da segunda metade do século XIX, o bairro passava por um novo estágio de desenvolvimento e o seu nome foi modificado para Chica Chaves (PORTO, 2003). Embora os registros históricos não tragam precisão sobre a origem do nome, sabe-se que havia na região um ponto final dos bondes também denominado Chica Chaves. Uma segunda explicação para a origem do nome associa-se a uma figura lendária: uma mulher chamada Chica Chaves que supostamente viveu no sítio da praia de Maçaranduba, tornou-se popular e querida por sua postura autêntica, sua simpatia e inteligência rara (GRAÇA, 2005).

Nessa época, famílias de elevado poder aquisitivo que habitavam em Aracaju construíram casas de veraneio para temporadas de lazer na Prainha da Chica Chaves. A estrutura habitacional do bairro manteve-se com os casebres simples de pescadores e foi acrescentando à sua fisionomia chácaras e residências pertencentes a um público mais abastado. Esse perfil de moradores e habitações perdurou até o início do século XX (GRAÇA, 2005).

De acordo com Wynne (1973), foi entre os anos de 1911 a 1914 que a população do Chica Chaves pôde passar a usufruir dos primeiros serviços públicos. Os mais notáveis foram: a instalação da luz elétrica e água encanada. Neste período, também

se via pelas ruas do bairro o serviço de bondes puxados por burros, contendo cinco bancos para os passageiros. Os bondinhos tornaram-se um dos principais meios de transporte que conduziam as pessoas entre os bairros.

No primeiro ciclo industrial, fábricas de tecido foram implantadas no bairro em meados do século XIX e início do século XX. Em 1884, João Rodrigues da Cruz fundou a Indústria Têxtil Sergipe Industrial S/A, conhecida nos dias atuais como "Fábrica Velha". E Sabino José Ribeiro, em 1908, fundou a fábrica de Tecidos Confiança. Ambas foram imprescindíveis para a expansão e desenvolvimento do bairro (GRAÇA, 2005).

Chica Chaves ficou repleto de trabalhadores agropecuários, pessoas pobres vindas do interior e de estados vizinhos em busca de melhores condições de vida e emprego nas fábricas. Neste contexto, surgiram as habitações proletárias e a migração da elite para áreas mais valorizadas de Aracaju. Com esta nova configuração econômica, social e urbana, seu nome foi alterado para bairro Industrial. "Isso se deu a 13 de janeiro de 1920, através do artigo 1º da lei nº 250, assinado pelo Intendente Municipal Antônio Baptiste Bittencourt" (GRAÇA, 2005).

A fase compreendida entre o período de 1884 a 1955 é definida por Araújo (2011) como sendo o auge do uso industrial do bairro. Para Romão (2000), a presença das fábricas foi essencial para impulsionar o surgimento de mudanças dentro da conjuntura sociopolítica da classe operária. Entre essas mudanças, estava a mobilização política do operário, que fundou em 1910 o Centro Operário Sergipano e trouxe consigo a organização de atos de reivindicação e palestras de formação (ROMÃO, 2000).

Condições insalubres encontradas no interior das fábricas, excessiva jornada de trabalho e remuneração paga aos operários que não garantiam as condições mínimas para o sustento da vida na capital, foram os principais impulsos reivindicatórios que aconteciam, sobretudo, por meio de denúncias publicadas no jornal *O Operário*. Outro ponto que também se tornou alvo de cobranças constantes envolvia a necessidade de educação da classe operária. Em resposta a essas cobranças, inaugurou-se em 1911, no salão da Sergipe Industrial, a escola noturna Horácio Hora, mantida pelo Centro Operário (ROMÃO, 2000).

Como forma de atenuar os conflitos, algumas medidas foram adotadas pelo patronato, a exemplo da construção do Parque Industrial, por iniciativa de Thales Ferraz. O Parque foi um importante ponto de lazer para a população que ali trabalhava e/ou residia. Cinema, salão de baile, biblioteca, escola, campo de futebol, teatro, bar e outros eram alguns dos equipamentos que pertenciam ao Parque. Estes atributos de lazer modificaram a relação entre operários e patronato. Situação semelhante também se passou na Fábrica Confiança, que implementou ações em favor do social, a exemplo do Grêmio Escolar Teixeira Chaves, idealizado por Sabino Ribeiro. O Grêmio escolar atuava, prestando serviços educacionais gratuitos (GRAÇA, 2005).

Na década de 1950, o crescimento populacional do bairro Industrial ficou quase estático. A maioria dos terrenos desta localização pertenciam aos donos das fábricas, que apesar de cheios de manguzeais e apicuns, não os colocava à venda e nem os utilizava para construção de empreendimentos próprios (LIMA, 2013). Os fatores que contribuíram para a estagnação do crescimento, envolvia a concentração de indús-

trias no bairro e os impactos negativos gerados sobre o meio ambiente. A poluição atmosférica, hídrica, sonora, do solo, o tráfego intenso e pesado, fizeram com que a área perdesse valor para a atividade residencial, principalmente das classes médias e abastadas (GRAÇA, 2005).

Já no final da década de 1950 e início de 1960, esse cenário modificou-se um pouco com o surgimento das primeiras ocupações irregulares de grande porte na região. Nesse período originou-se a localidade atualmente conhecida como Brasília. Graça (2005, p. 53) corrobora com as declarações, quando complementa que no governo de Leandro Maciel (1955-1959) houve o reconhecimento oficial da posse dos terrenos dos ocupantes e que o governador subsequente, Luiz Garcia (1959-1963), instalou a luz elétrica e a água encanada na Brasília.

Na década de 1970, houve um decréscimo nas atividades industriais do bairro. Araújo (2011, p. 118-119) afirma que a barra do Rio Sergipe era muito rasa, o que dificultava a entrada de matérias primas e o escoamento da produção pelo porto estuarino. Estas dificuldades impulsionaram a saída das indústrias do bairro Industrial para uma área mais próxima às rodovias. Sucessivamente a isso, ocorreu a implantação do Distrito Industrial de Aracaju (D.I.A.), no bairro Inácio Barbosa, em 1974.

O historiador Pedro Abelardo de Santana relatou que a decadência do bairro Industrial se evidenciou com a demolição das residências operárias e áreas de lazer, assim como a estagnação e a transferência das indústrias para outras localidades. Este processo demarcou um momento de degradação, invasões e abandono da área.

Um marco significativo que aconteceu nesse período foi a inauguração do Parque José Rollemberg Leite (Parque da Cidade), em 1979. Localizado no Morro do Urubu, com uma área de 750 mil metros quadrados, abrigava uma grande reminiscência de Mata Atlântica presente na cidade de Aracaju. Nos primeiros anos de funcionamento contava com as belezas da fauna e da flora que restava desse bioma e com uma grande quantidade de atrativos voltados para o lazer, com destaque para o zoológico, áreas esportivas e restaurantes (ARAÚJO; FREITAS; BRAGHINI, 2011). Entretanto, nas décadas de 1980 e 1990, as instalações do parque encontravam-se em estado caótico, parte da mata tinha sido devastada e vários animais morreram (GRAÇA, 2005).

Em meados de 1996, outra ocupação irregular aconteceu no bairro, na região denominada de Matinha. O contingente de ocupantes era formado por pessoas que viviam nas adjacências do bairro e por outras pessoas vindas do interior de Sergipe. Mesmo diante de muita resistência do proprietário do terreno, os ocupantes obtiveram a posse oficial dos lotes por meio de muitas audiências (GRAÇA, 2005).

Com a intenção de reverter o quadro de abandono pelo qual o bairro Industrial vinha passando, em 2003 ocorreu a implantação da "Orlinha do Bairro Industrial". O intuito governamental era o de sanar o processo de decadência e degradação urbana e econômica ocasionada pelo êxodo das atividades industriais e atrair novos investimentos ao bairro (ARAÚJO, 2011).

Uma outra obra de grande impacto para a região foi à construção da ponte Construtor João Alves, inaugurada em 2006, com a intenção de fazer a ligação entre o município Barra dos Coqueiros a Aracaju. Lisboa (2007), informa que a construção

da ponte veio a repercutir negativamente no cotidiano do bairro Industrial, uma vez que desestruturou uma extensa área de habitação e lazer, resultando também na estagnação do projeto de construção das duas etapas remanescentes da orla, assim como a descaracterização da paisagem.

Outra mudança que rompeu com o passado do bairro, ocorreu em 2009, com o encerramento das atividades da Fábrica Confiança. Seu prédio cedeu lugar para a instalação de outra indústria sergipana do ramo têxtil, a Santa Mônica Têxtil, fundada em 2010. A outra parte do prédio é ocupada, desde 2012, pela empresa italiana *AlmaViva*. A chegada do grupo italiano no bairro é resultado de uma iniciativa do governo do Estado para atrair investidores internacionais como estratégia para fomentar a economia (ANS, 2013).

Em 2011 ocorreu uma mobilização promovida pela comunidade acadêmica do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por meio de uma petição pública, defendendo o tombamento da fábrica Sergipe Industrial. Uma vez que tomaram conhecimento do possível encerramento das atividades da Sergipe Industrial, alunos e professores se sentiram apreensivos com a possibilidade de a fábrica ser demolida e com isso perder-se um importante testemunho da história de Aracaju (INFONET, 2011). O pedido de tombamento do conjunto da fábrica foi negado. Apenas a Capela veio a ser tombada como patrimônio histórico e artístico, por meio do decreto nº 30.079/2015 como “um dos mais significativos monumentos ligados a história e arquitetura de Sergipe” (SERGIPE, 2015).

O encerramento das atividades da Sergipe Industrial ocorreu em 2013. O portal de notícias F5 News (2013) entrevistou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil (SINDITÊXTIL), Giseldo Santos. Na ocasião, o presidente do Sindtêxtil argumentou que de acordo com a Sergipe Industrial, o encerramento das atividades já previa a demolição do prédio para dar lugar a um novo empreendimento. A justificativa para tal feito era por causa do excessivo custo para manter a unidade de produção em um prédio com mais de cem anos, tendo em vista que a empresa ainda possuía mais duas unidades em operação em prédios mais novos (F5 NEWS, 2013). Com isso, os empresários sergipanos do Grupo Nortista optaram por erguer no local da fábrica um *shopping center* (ANS, 2015).

Segundo Martins e Santos (2015), a iniciativa dos empreendedores responsáveis pela construção do novo *shopping* é dotada de elevada ambição em seu projeto arquitetônico: primeiro pelo fato de assumir a responsabilidade de revitalizar a zona norte e segundo por assumir esse papel, visando preservar os valores étnicos, culturais e religiosos da população do bairro. A estratégia do empresariado é fortalecer a existência dos laços culturais e religiosos por meio da preservação da Capela São João Batista, localizada na parte central do terreno do *shopping*.

3 A CULTURA E A RELIGIOSIDADE SOB INFLUÊNCIA DAS QUESTÕES ECONÔMICAS

É marcante na história do bairro Industrial a realização de festas populares de grande repercussão entre os moradores, algumas relacionadas a datas comemorativas

e/ou de natureza religiosa. O futebol também define o passado cultural do bairro, relacionando-se com as associações desportivas, envolvendo a criação de espaços como o Estádio Sabino Ribeiro Chaves e o Vasco Esporte Clube (GRAÇA, 2005).

As manifestações culturais evidenciavam laços estreitos entre os operários das fábricas e o patronato. O que alimentava a efervescência do bairro estava diretamente vinculado à presença das indústrias têxteis (GRAÇA, 2005). As relações de trabalho caracterizavam-se pela pessoalidade e assumiam um caráter paternalista, envolvendo patrão e empregado. Esse tipo de relação baseava-se em uma estratégia comumente adotada por proprietários de indústrias do século XIX, que buscavam concentrar a vida do operário em torno das fábricas, como forma de deixá-los isentos de influências externas, que poderiam fomentar algum tipo de insatisfação relacionada a vida no trabalho (ROMÃO, 2000).

A festa de Bom Jesus dos Navegantes, compondo a tradição religiosa, surgiu no ano de 1894. Em sua primeira edição reuniu 8 mil pessoas. Trata-se de uma procissão, onde a imagem do santo é transportada da igreja Santo Antônio até a Catedral Metropolitana. No dia 1º de janeiro, a procissão fluvial acontece nas águas do Rio Sergipe e concentra a presença de fiéis em suas margens (GRAÇA, 2005).

O bairro ainda conta com outra festa que faz parte das práticas religiosas da comunidade, associada ao seu padroeiro: São Pedro Pescador. A festa acontece no mês de junho e é celebrada com palestras, novenário, alvorada festiva. Há ainda a procissão com a imagem do santo saindo da paróquia São Pedro Pescador ou da capela São João Batista e depois percorre as ruas do bairro Industrial e Santo Antônio. O apoio às festividades vinha da Renovação Católica Carismática e das Fábricas Sergipe Industrial, Confiança e Serigy (GRAÇA, 2005).

Uma vez que o bairro Industrial deixou de ser o polo das indústrias da capital, resultando no abandono das fábricas no local, o cotidiano do bairro também assumiu um caráter de abandono. De acordo com Maria José, moradora há 46 anos, algumas celebrações, a exemplo das festas religiosas supracitadas, a festa da Rua São João e o engajamento dos moradores com os clubes de futebol se mantêm.

O bairro Industrial está inserido na Área de Interesse Urbanístico 4. De acordo com o Plano Diretor de Aracaju, a A. I. U. 4 estabelece como diretriz geral "promover a revitalização e dinamização urbana, através da mudança do uso industrial para comercial e de serviços." Com a abertura do bairro para o setor econômico terciário, pouco a pouco se rompe com o passado que marcou a história do bairro Industrial. As mudanças nas relações de trabalho demandam novas formas de convívio entre trabalhadores e patrões. O que se percebe hoje, de maneira mais ampla, é o rompimento dos laços entre patrão e empregado, diante da própria estrutura das organizações, que acabam impondo princípios de racionalidade, baseado em normas impessoais, onde a lei exerce papel fundamental como ponto de equilíbrio nas relações de trabalho (CHIAVENATO, 2001).

A instalação de empresas como a *Celi* e *AlmaViva* no bairro Industrial, visam compor o cenário que se pretende atingir, voltando as atividades econômicas do bair-

ro para o setor de serviços. Em relação a *AlmaViva*, é notório para os moradores o impacto das modificações no cotidiano do bairro acerca da sua presença. Para Denise, moradora do bairro há 23 anos e artesã no Espaço Chica Chaves, a empresa contribuiu para movimentar a região, por conta da presença de um grande número de funcionários que se deslocam para fazer refeições nos intervalos do trabalho. Com isso, Denise identificou a abertura de várias lanchonetes no bairro para atender o público da *AlmaViva*.

Em relação a chegada do *shopping*, Marcos Paulo Carvalho Lima Diretor do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado, enxerga o empreendimento como um elemento novo, que marca um processo de transição em torno dos aspectos culturais do bairro. Sobre a manutenção da Capela, Marcos Paulo acredita que somente ela não irá garantir a salvaguarda das tradições culturais do bairro. Ele ainda ponderou sobre as questões que envolvem o sustento da cultura local por parte do empreendimento, argumentando que:

Criar ou não um alicerce para o sustento da cultura local depende da visão do empreendedor, mesmo que a valorização da identidade cultural não seja parte da natureza dos shoppings. Mas em geral, as preocupações dos shoppings se limitam a questões econômicas (informação verbal).

Para o historiador Antônio Lindvaldo Sousa a preservação da Capela é importante, mas sem dissociá-la do conjunto em que estava inserida. A capela era parte dos atrativos do parque industrial. Os operários concentravam sua vida entre o trabalho no interior das fábricas, lazer e práticas religiosas nas horas livres dentro do complexo industrial. Hoje, com a substituição da fábrica pelo *shopping*, a capela não terá a mesma função. Se a construção da fábrica marcava a chegada da modernidade na cidade, a capela fazia com que não se rompesse completamente com o passado colonial, preservando as tradições religiosas, assim como eram nos engenhos.

Como forma de atenuar os embates provocados pela implantação do *shopping* no quadro cultural do bairro, o Relatório de Impacto de Vizinhança (RIV), propõe como ação mitigadora, a urbanização de uma praça em um espaço subutilizado, adjacente ao terreno do empreendimento. A sugestão é para que nessa praça seja implantado um memorial em homenagem as fábricas de tecido do bairro.

O historiador Antônio Lindvaldo ressalta que é necessário questionar se o memorial irá contemplar o período progressivo, que fomentou a produção cultural do bairro, permitindo que os seus atuais moradores e visitantes percebam a importância que o bairro teve para Aracaju e para o passado sergipano. O historiador ainda faz uma observação de que para o memorial ser válido, não pode contemplar apenas o patronato, mas também o movimento operário e o futebol.

Há muitas expectativas dos moradores do bairro em função da chegada do *shopping*. Essa expectativa se baseia na percepção de moradores como Thiago, que carrega um descontentamento com os espaços públicos do local. As insatisfações estão relacionadas sobretudo ao fator da insegurança e a inexistência de áreas

de lazer. A “Orlinha”, quando inaugurada, ficou operando por alguns anos como ponto principal de lazer. Agora, com o desgaste do tempo e a ação de vândalos, vem deixando de ser frequentada pelos moradores.

José Leonaldo que reside no bairro há 20 anos, acha a comunidade desunida, pois o poder público não criou um lugar que favorecesse encontros e que permitisse reunir as pessoas do bairro. Com a vinda do *shopping*, ele alimenta a expectativa de que ocorrerá uma mudança benéfica, principalmente na vida dos adolescentes, que poderão contar com um local de encontro seguro. Já Noemia, moradora há 40 anos, se sente bem feliz por morar em um bairro que terá um shopping e comenta que “bonito mesmo seria se fizessem um shopping na estrutura da fábrica”.

Com a presença do *shopping* representando um marco na ruptura com o passado, o bairro perderá parte do seu repertório, pois mudanças tendem a impor perdas. Para Matos (2012), ao se caminhar pelo bairro hoje, não é possível assimilar a dimensão e o significado do advento da industrialização vivido por Aracaju e que foi tão bem retratado no passado do bairro Industrial. As vilas operárias, ou foram demolidas ou foram descaracterizadas, impossibilitando sua identificação.

4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O PROJETO DO SHOPPING

A escolha do bairro para a implantação do *shopping* tornou-se viável após o processo de revitalização urbana, iniciada em 2003, com a reforma da orla, e, em sequência, com a construção da ponte Construtor João Alves, em 2006. Esta última criou a conexão com o município Barra dos Coqueiros, que também vem passando por transformações resultantes da especulação imobiliária. A ponte também trouxe para a região a presença de alguns condomínios de alto padrão. O material promocional criado pelo setor de *marketing* do *shopping*, com vistas a atrair lojistas destaca as vantagens de sua localização, mencionando a proximidade com a Barra dos Coqueiros:

O Aracaju Parque Shopping está no coração da cidade, situado no Bairro Industrial, na região central, onde se encontra o maior pólo gerador de fluxo da capital sergipana. No seu entorno estão algumas cidades que mais crescem no Estado, a exemplo da Barra dos Coqueiros que conta com a presença dos condomínios de alto padrão: Alphaville Sergipe, Damha e Maikai Residencial Resort. (ARACAJU..., on-line, p. 9).

De acordo com o RIV (2013), a ocupação do bairro Industrial é predominantemente residencial, com pontos de pequenos comércios. Essa característica abre precedentes para mais ocorrências de transformações, uma vez que a especulação imobiliária tende a desapropriar moradores antigos para abrir caminhos para novos empreendimentos. Esta condição apresenta-se como um dos pontos estratégicos que viabilizam a implantação do *shopping* no bairro.

Em sua concepção física, o empreendimento contará com 3 pavimentos de lojas, perfazendo uma área comercial de 26.045,76m². Possui 1 supermercado, lojas, *megastores* e âncoras, cinemas e parques de diversões. Os três pavimentos somam 38.731,57m² de área construída. Já o bloco destinado ao estacionamento, possui sete pavimentos e totalizam 29.063,01m² de área construída (RIV, 2013).

Não resta dúvida que a magnitude do empreendimento impõe destaque de natureza arquitetural em relação ao bairro, sem criar nenhum tipo de relação com as edificações ali presentes. A sequência de imagens a seguir (FIGURAS 1, 2, 3) valida as observações supracitadas, demonstrando que a escala em que os *shoppings* geralmente são concebidos não permitem a conexão ao entorno de uma realidade como a do bairro Industrial, que, a partir da análise do RIV (2013), ficou evidente tratar-se de um bairro originalmente marcado pela horizontalidade das edificações, com predominância de pequenas residências de famílias pertencente a classe média baixa.

Figura 1 – Prédio do Aracaju Parque Shopping se destaca em meio as edificações preexistentes à sua implantação, iniciada em janeiro/2015



Fonte: Aracaju Parque Shopping, ((entre 2013 e 2016)).

Figura 2 – Parte remanescente do conjunto que formava a vila operária pertencente a extinta Empresa de Tração Elétrica de Aracaju-ETEA. A tipologia das edificações é marcada pela horizontalidade



Fonte: Acervo pessoal, (2017a).

Figura 3 – Rua Belém, predominantemente residencial



Fonte: Acervo pessoal, (2017a).

Dentro dos limites do terreno, verifica-se a ausência de conexão entre *shopping* e a capela (Figura 4). Se no campo da intangibilidade pode haver muitas semelhanças entre religião e consumo, estas não se fazem perceber a partir dos princípios compositivos de arquitetura do *Aracaju Parque Shopping*, onde a distinção se faz notar sobretudo pela diferença das dimensões: a capela apresenta-se como um elemento oprimido pelo envoltório edificado do *shopping*.

Figura 4 – Relação do *shopping* x capela

Fonte: Aracaju Parque Shopping, ([entre 2013 e 2016]).

O historiador Antônio Lindvaldo propôs o entendimento de que a capela não deve ser tratada como simples adereço, sobretudo por ser um prédio tombado, carregado de expressividade, símbolos e representação. Se o tratamento dado ao conjunto não expressa a devida importância para a história sergipana, corre o risco desta capela se tornar um elemento exótico, sob a influência da dinâmica do tempo que induz a abstração dos acontecimentos, somado a mortalidade dos idosos. Estes, enquanto vivos, desempenham o papel de transmitir a história para seus sucessores.

Nem o fato de ter sido tombada lhe garantiu o tratamento que estaria de acordo com sua condição de patrimônio histórico e artístico. A arquiteta Rosany A. Matos³

³ Entrevista realizada no dia 30/09/2016, às 12h18min.

explica que em projetos de intervenção restaurativa que visam a manutenção e valorização do patrimônio histórico, a concepção do projeto busca dar destaque a edificação ou ruína preservada, mas “no caso do shopping aconteceu o contrário”.

Em relação aos acessos, sob consulta a documentação projetual⁴, verificou-se que a entrada principal ocorrerá pela Av. João Rodrigues. Haverá também uma segunda entrada pela Rua São Luiz. Curiosamente, o que chamou atenção na definição destes acessos era o fato deles se voltarem para o lado oposto ao rio. Assim como a capela, o rio se constitui um outro elemento de grande representatividade para o bairro. O empreendimento poderia enquadrar-se de maneira a aproveitar melhor a sua localização, integrando-se a paisagem.

Mas ao contrário disso, o que ficou reservado para compor a fachada, que se volta para o rio, foi o sistema de docas, compondo o acesso para o serviço de cargas e descargas. Até então, a única evidência de tentativa de integrar-se a paisagem local foi por meio do painel de vidro (FIGURA 5) utilizado na praça de alimentação, que garante a vista dos usuários para o Rio Sergipe.

Figura 5 – Ilustração mostrando o interior da praça de alimentação que se volta para o Rio Sergipe, proporcionada pelo uso do vidro aplicado na fachada leste.



Fonte: Aracaju Parque Shopping, [(entre 2013 e 2016)].

Devido a isso, mais uma vez o intercurso promovido pela publicidade se faz presente, argumentando que ao propor esta vista, o projeto arquitetônico traz princípios de sustentabilidade (ARACAJU..., on-line). Se de fato o é, há que se analisar com cautela, uma vez que o uso do vidro na arquitetura é controverso. Tanto em suas características técnicas, como também em relação ao princípio de integração entre exterior e interior promovido pela sua transparência. Para Lopes (2014), a estética da visibilidade ancorada na ambiência, atua como uma fronteira entre a materialidade das coisas e a materialidade da necessidade, ou seja, no ver e não poder tocar, aplicando-se aqui a máxima de Merleau-Ponty quando afirmou que “ver é ter à distância”.

O vidro, em seu caráter espectral, faz da paisagem uma presença virtual (LOPES, 2014). Para Sennet (1988), há na arquitetura de vidro uma brutal tendência, de natu-

⁴ Arquivos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Aracaju, elaborados em 07/02/2013. Em última consulta, realizada em 15/02/2017, às plantas baixas disponíveis no site do empreendimento, verificou-se uma mudança nos acessos: a entrada pela rua São Luiz foi eliminada, e acrescentou-se um acesso pela Av. General Calazans.

reza paradoxal, que impõe a subversão do espaço público como lugar próprio para promover o uso e interação social. Mesmo quando ele passa a ter maior visibilidade, a estética da transparência produz o isolamento social, que se desdobra em uma espécie de resguardo diante da vigilância pública (SENNETT, 1988).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aporte teórico apresentado, foi possível compreender a importância histórica do bairro, seu repertório cultural e religioso e a partir disso questionar a proposta de valorização e preservação dessa cultura e religiosidade pretendida pelo novo empreendimento.

Uma vez traçada a trajetória histórica do bairro, é necessário relacioná-la com os próximos passos que estão sendo dados para promover a renovação urbana e revitalização do bairro. Para isso, é pertinente observar que, ao surgir um empreendimento como o *Aracaju Parque Shopping*, propondo uma relação estreita entre cultura, religiosidade e consumo, cria-se uma expectativa em torno do nascimento de uma nova dinâmica de centros de consumo: tais centros se lançariam com o intuito de subverter a natureza dos tradicionais *shoppings*, onde as questões econômicas ocupam lugar de destaque e por consequência, adquirem a feição de um templo do consumo.

Uma vez que a cultura e a religião entram na trama, cria-se uma tríade que poderia fazer do empreendimento um lugar politicamente correto, refletindo uma relação equilibrada entre o “ser” e o “ter”. Para tal feito, seria necessário carregar o espaço de elementos que recriem a atmosfera cultural e os costumes religiosos vivenciados pela população do bairro.

Preservar a cultura requer a aquisição de meios que alimentem a memória em torno do contexto histórico que lhe trouxe a consistência de uma identidade própria. No caso em particular do bairro Industrial, assume maior importância por ele se inserir no contexto do surgimento da capital sergipana e ter sido palco de grandes acontecimentos que marcaram o desenvolvimento de Aracaju.

Estes pontos precisam ser considerados, do contrário, correrá o risco de recair no emblema comumente assumido entre os centros de consumo, que tendem a representar um panorama invertido da realidade que se pretende fugir: a rua. Esta vem recebendo o estigma do espaço das transgressões, do crime, das drogas, da poluição e outros. A partir dessa conjuntura do espaço público é que os *shoppings centers* vem se firmando como um universo asséptico, controlado e isento das ameaças que compõe o mundo real das ruas (COUTINHO, 2015). Diante disso, a proposta da relação com a cultura e a religiosidade fica comprometida, uma vez que é exatamente pelo fato da rua ser essencialmente pública é que se torna possível a fomentação cultural.

Nos tempos pregressos ao bairro Industrial, quando ainda era conhecido como Chica Chaves, o bairro já se constituía um espaço alternativo à ordem e à disciplina do Quadra-

do de Pirro, onde os boêmios e intelectuais sergipanos se encontravam. Lindvaldo⁵ reforça, explicando que “o lugar da danação, da criatividade, onde o samba e a arte surgem, é na periferia e não na disciplina”. A criatividade nasce de um impulso espontâneo, mais facilmente encontrado na periferia. Por isso, quando os idealizadores do empreendimento afirmam que o *shopping* vem para mudar a “cara” da zona norte, acabam por criar um teor de contradição entre os próprios argumentos e os argumentos difundidos pelas campanhas publicitárias do *shopping*, que procuram transmitir ideais de sustentabilidade.

Se o *shopping* é antes de tudo sustentado pelo consumo, mesmo quando pretende associar a sua autoimagem questões que não envolvem o ato de comprar, percebe-se que há sempre a intenção de promover de forma indireta o próprio consumo. Essa é uma das razões que fazem com que os *shoppings* se ergam sobre uma base estéril, que não favorece aos seus frequentadores o fortalecimento do indivíduo como produto e produtor de cultura. O seu ambiente padronizado e controlado não permite às pessoas utilizá-lo da maneira que mais lhe convém. O resultado disso é um espaço que não favorece a apropriação, o sentimento de pertencimento ou qualquer outra manifestação que represente uma carga emocional direcionada ao local.

As indagações que envolvem o surgimento do *shopping* não irão cessar ao término desta pesquisa, sobretudo por conta de a obra ainda não ter sido finalizada, o que abre precedente para a elaboração de pesquisas complementares. Novos questionamentos que surgiram demandam a necessidade de investigar como o *shopping* depois de pronto atuará, possibilitando se inserir no contexto local de forma integrada, compondo o cotidiano dos moradores, sem suplantando a conjuntura do lugar.

O *shopping* será bem-sucedido ao tentar alinhar os aspectos econômicos aos aspectos socioculturais e religiosos? Estimular o ato do consumo necessariamente requer anular a atitude cidadã? Ou ainda, o sujeito que é consciente dos impactos de suas ações, que adota uma postura de cidadão, contribui para o enfraquecimento de empreendimentos do tipo *shopping centers*? Essas são algumas das indagações que se desdobraram por força do contato com a realidade do *Aracaju Parque Shopping* e o bairro Industrial, estendendo-se para uma análise mais geral sobre a influência que os *shoppings* exercem na sociedade.

Em última análise, o que se pode concluir é que com o estabelecimento do *shopping*, somado as mudanças que se estabelecem sob ótica da renovação urbana e o envelhecimento da população do bairro, a tradição cultural se encontra fragilizada e ameaçada a subsistir. Em um cenário que por tanto tempo assumiu as vestes do abandono, hoje, recebe a clemência de um olhar lançado sob as perspectivas de um futuro que só atingirá a sua glória se assumir o passado como representativo de sua identidade.

REFERÊNCIAS

ARACAJU PARQUE SHOPPING. Disponível em: <<http://aracajuparqueshopping.com.br/site/galeriaAbre.php?Nome=perspectiva&Codigo=1>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

⁵ Entrevista realizada no dia 14/10/2016, às 14h30min.

ARAÚJO, L.R.R.; FREITAS, D.M.A.; BRAGHINI, C.R. Ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento sustentável da Área de Proteção Ambiental do Morro do Urubu – Aracaju (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n.2, 2011, p.228-249.

ARAÚJO, Rozana Rivas. **As relações entre as transformações econômicas e o ritmo da produção do espaço urbano**. Estudo de caso: Aracaju. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRS, 2011.

ANS – AGÊNCIA SERGIPE DE NOTÍCIAS. **Déda visita call center da Alma Viva que gera 2 mil empregos para jovens sergipanos**, 2013. Disponível em: <http://www.agencia.se.gov.br/noticias/leitura/materia:33147/deda_visita_call_center_da_almaviva_que_gera_2_mil_empregos_para_jovens_sergipanos.html>. Acesso em: 21 ago. 2016.

ANS – AGÊNCIA SERGIPE DE NOTÍCIAS. **Novos shoppings vão movimentar a economia e gerar emprego em Sergipe**, 2015. Disponível em: <<http://www.agencia.se.gov.br/noticias/governo/novos-shoppings-vaio-movimentar-economia-e-gerar-emprego-em-sergipe>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BARRETO, Luiz Antônio. **Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: ITBEC/BANESE, 2002.

BRASIL. SERGIPE. **Decreto-lei nº 30.079**, de 06 de outubro de 2015. Declara de interesse público para fins de inscrição e tombamento ao Patrimônio Histórico e Artístico de Sergipe, a preservação da Capela São João Batista, na área da antiga Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial, no município de Aracaju, Estado de Sergipe. Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 2015.

BRASIL. SERGIPE. **Relatório de impacto de vizinhança**. Aracaju: SEMA, 2013.

BRASIL. SERGIPE. **Plano diretor de desenvolvimento urbano de Aracaju**. Disponível em: <http://www.aracaju.se.gov.br/userfiles/seplan/arquivos/Plano_Diretor/Plandir_aprovado.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Campus, 2004.

COUTINHO, Giulliano. O shopping center como santuário e os consumidores como fiéis: o capitalismo como religião no Vale do Paraíba Paulista. **Revista de Ciência Humanas** – Educação e Desenvolvimento Humano. Taubaté, v.8, n.2, p.92-100, 2015.

FAG. **Centro Universitário**. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/55952eb6a5b8d.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

F5 NEWS. **SISA fecha unidade em Aracaju e demite 150 funcionários**, 2013. Disponível em: <<http://www.f5news.com.br/noticia/9895/sisa-fecha-unidade-em-aracaju-e-demite-150-funcionarios.html>>. Acesso em: 15 maio 2017.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **De maçaranduba a industrial**: história e memória de um lugar. Aracaju: FUNCAJU, 2005.
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: 2010.

INFONET. **Sergipe Industrial pode ser patrimônio de Sergipe**. 2011. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/noticias/cultura//ler.asp?id=120757>>. Acesso em: 31 maio de 2017.

LIMA, L.E.P. **A memória rema contra a maré**: Lembranças sobre a Degradação Ambiental da Praia do Aracaju. 2013. Dissertação (Mestrado) – UFS, São Cristovão, Sergipe, 2013.

LISBOA, José Luiz Oliveira. «Espaço - esporte cultura e arte popular» uma intervenção urbanística no Bairro Industrial: Praça Almirante Amintas Jorge. Trabalho de conclusão de curso. Aracaju: UNIT, 2007.

LOPES, Paulo Roberto Masella. Vidro: o grau zero da visibilidade. **Revista Ecopós Comunicação e Gosto**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.1-11, 2014. ISSN 2175-8689.

LOUREIRO, Kátia Afonso Silva. **A trajetória urbana de Aracaju, em tempo de interferir**. Aracaju: INEP, 1983.

MARTINS, Daniel *et al.* **Bairro Industrial vive conflito entre a história e o desenvolvimento**, 2015. Disponível em: <<https://reveronline.com/2015/01/26/bairro-industrial-de-aracaju-e-o-conflito-entre-a-historia-e-o-desenvolvimento/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MATOS, Rosany Albuquerque. **Vilas habitacionais de Aracaju**: análise da origem e permanência de um patrimônio escondido. 2012. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2012.

PORTO, Fernando Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2003.

ROMÃO, Frederico Lisboa. **Na trama da história**: o movimento operário de Sergipe – 1871 a 1935. Aracaju: SINDPEMA, 2000.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WINNE, J. Pires. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973.

Data do recebimento: 14 de dezembro de 2017

Data da avaliação: 16 de maio de 2018

Data de aceite: 1 de junho de 2018

1 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: samiascaranto@gmail.com

2 Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2003); Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT (2000); Professor adjunto do curso Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes – UNIT. Tem experiência na área de desenho e de urbanismo, com ênfase em planejamento urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: plano diretor de desenvolvimento municipal, espaço público, paisagem urbana e sustentabilidade ambiental. E-mail: rooseman@ig.com.br

